

12-V-1958

«Democracia Coroadada»

Raul Pilla

CORRENTE é a confusão entre república e democracia. Confusão que os republicanos tendem, naturalmente, a manter, em detrimento dos monarquistas. Em verdade, o que importa não é tanto a forma exterior, como o mecanismo de governo. Há um rei, há um presidente à frente do Estado? Isto pouco significa, pois monarquias há que são modelos de democracia e repúblicas também, há que lhe são a negação. As piores autocracias são quase sempre as republicanas.

República e monarquia não se adotam arbitrariamente, como se escolhe um figurino, mas são geralmente resultantes de fatores históricos. Com a independência, o Brasil teve naturalmente e, pode-se dizer, providencialmente a monarquia; as outras nações americanas tiveram quase necessariamente a república. Pode-se afirmar, contudo, ser a monarquia parlamentar a mais segura e equilibrada forma de democracia representativa, quando o país tem a felicidade de possuir uma casa reinante à altura da sua missão.

Tal é o pensamento dominante da obra de João Camillo de Oliveira Tôrres, «A Democracia Coroadada», edição de José Olímpio. Distraído por tarefas imperiosas, somente agora acabo de ler, ou, para falar mais exatamente, de estudar a obra. É um livro de mais de quinhentas páginas, tão denso de fatos e idéias, que não se pode ler como um romance.

Apesar do seu cunho rigorosamente histórico, é um trabalho apologético este do ilustre autor de «O Positivismo no Brasil». O Poder Moderador, originalidade da carta imperial, merece-lhe os maiores encômios. E nesta não vê o autor uma contradição com o sistema parlamentar, que se veio a praticar finalmente pelo costume, mas, antes, nela encontra as bases do sistema de gabinete. «Embora não sendo a letra da lei parlamentarista, a sua única interpretação autêntica — diz ele — residia no regime de gabinete, naquêle tempo, convém dizer, uma novidade em toda parte».

Em verdade, o grande mérito dos políticos e estadistas do Império foi não haver fugido à interpretação autêntica, isto é, democrática das instituições, em contraposição aos políticos da República, que sempre a evitaram quanto ao seu estatuto fundamental e, com isto, consolidaram a ditadura republicana.

Grande livro, que teve o prêmio «Cidade de Belo Horizonte», é este do escritor mineiro; e, sobretudo, livro confortador, pois, fazendo reviver o passado na tristíssima situação presente, leva a considerar o futuro com menos desesperança: é possível que uma geração apareça, capaz de fazer o que lá fizeram os nossos maiores.